



José Gabriel Avila*
jgacores@gmail.com

Carta a um dirigente político

“Este é um tempo propício a jogadas partidárias para salvaguardar interesses mesquinhos, pessoais e de grupo, que o eleitorado não entende e até condena, afastando-se das urnas. A política no seu pior.”

Sei que nesta ocasião não há tempo a perder para ler e escutar opiniões sobre os valores que devem presidir à sua ação e desempenho político.

O tempo urge e há que cumprir as regras estatutárias tendentes à formação de uma maioria que suporte um governo estável e duradouro.

No entanto, tendo em conta que “a política é a arte do possível” e que “toda a vida é política” (O.V. Bismarck) importa que os dirigentes desempenhem bem esse mister, sobretudo agora que o espetro partidário é muito diversificado.

Nos bastidores dos dois maiores partidos políticos é altura de grande azáfama, seja em “contatos secretos”, seja em delinear estratégias, guardando “na manga” a cartada certa combinada com os pequenos partidos.

A lógica democrática e o senso comum da maioria dos eleitores apontou para a formação de um governo PS/PSD – fórmula não recusada na campanha eleitoral. Todavia, há opiniões contrárias a este entendimento, alegando ele ser impossível por meras razões conjunturais, partidárias e eleitorais, provenientes de desavenças, de lutas antigas, da falta de diálogo democrático, do exercício do poder.

No atual quadro político, infelizmente, este é um tempo propício a jogadas partidárias para salvaguardar interesses mesquinhos, pessoais e de grupo, que o eleitorado não entende e até condena, afastando-se das urnas. A política no seu pior. Passados tantos anos, o sistema político açoriano, tal como o português, não se regenerou, e era imperioso que tal acontecesse para dignificação da Política.

Na sua recente encíclica “Fratelli Tutti” o Papa Francisco, cujo pensamento e ação têm recebido o maior acolhimento por toda a humanidade, pergunta e responde: “*Que significado têm hoje palavras como democracia, liberdade, justiça, unidade? Foram manipuladas e desfiguradas para utilizá-las como instrumento de domínio, como títulos vazios de conteúdo que podem servir para justificar qualquer ação.*” (FT.15)

Francisco critica a postura de muitos agentes políticos mais preocupados “em obter as vantagens que o poder proporciona ou, na melhor das hipóteses, em impor o seu próprio modo de pensar.” (FT.202)

O Papa afirma que “*As maiores preocupações dum político não deveriam ser as causadas por uma descida nas sondagens, mas por não encontrar uma solução eficaz para «o fenómeno da exclusão social e económica.*” (FT.188).

O serviço do bem comum, prossegue Francisco: “*degenera num populismo insano, quan-*

do se transforma na habilidade de alguém atrair consensos a fim de instrumentalizar politicamente a cultura do povo, sob qualquer sinal ideológico, ao serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder. Outras vezes, procura aumentar a popularidade fomentando as inclinações mais baixas e egoístas dalguns setores da população.” (FT.159)

Criticando práticas políticas que, nos últimos anos se vêm impondo por todo o mundo, o Papa, afirma que “*a política é mais nobre do que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquilhagem mediática. Tudo isto semeia apenas divisão, inimizade e um ceticismo desolador incapaz de apelar para um projeto comum.*” (FT. 197)

No seu entender: “*A política deixou de ser um debate saudável sobre projetos a longo prazo para o desenvolvimento de todos e o bem comum, limitando-se a receitas efémeras de marketing cujo recurso mais eficaz está na destruição do outro.*” (FT.15)

Nesta ordem de ideias, o Papa apela ao diálogo entre os dirigentes políticos e os cidadãos: “*Um bom político dá o primeiro passo para que se ouçam as diferentes vozes. É verdade que as diferenças geram conflitos, mas a uniformidade gera asfixia e neutraliza-nos culturalmente. Não nos resignemos a viver fechados num fragmento da realidade.*” (FT.191) E continua: “*Saber escutar o ponto de vista do outro, facilitando um espaço a todos. Com renúncias e paciência, um governante pode ajudar a criar aquele poliedro bom onde todos encontram um lugar. (...) Parece uma utopia ingénua, mas não podemos renunciar a este sublime objetivo.*” (FT.190) “*O debate público, (...) é um estímulo constante que permite alcançar de forma mais adequada a verdade ou, pelo menos, exprimi-la melhor. Impede que os vários setores se instalem, cómodos e autossuficientes, na sua maneira de ver as coisas e nos seus interesses limitados. Pensemos que «as diferenças são criativas, criam tensão e, na resolução dum tensão, está o progresso da humanidade.*” (FT.203)

Ao longo da campanha eleitoral houve debates frouxos, alguns até medíocres, sobre os programas eleitorais. Algumas propostas avulsas foram, como convinha, repetidas à exaustão. Mas não se discutiu um novo paradigma sócio-económico decorrente da pandemia, nem as questões demográficas, nem o envelhecimento da população e os cuidados de saúde, nem a sociedade da informação e o progresso digital, científico e ambiental, nem as potencialidades da ZEE açoriana, por exemplo. A maior parte dos candidatos limitou-se a enumerar problemas locais, sem integrá-los numa estratégia regional de futuro

e, muito menos, na defesa das periferias e dos mais desfavorecidos.

Sobre a pobreza o Papa adverte: “*O desprezo pelos vulneráveis pode esconder-se em formas populistas que, demagogicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais ao serviço dos interesses económicos dos poderosos.*” (FT.155) E adianta: “*A superação da desigualdade requer que se desenvolva a economia, fazendo frutificar as potencialidades de cada região e assegurando assim uma equidade sustentável.*” (FT. 161)

O fundamento das preocupações sociais de Francisco é este: “*O mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade. As diferenças de cor, religião, capacidade, local de nascimento, lugar de residência e muitas outras não podem antepor-se nem ser usadas para justificar privilégios de alguns em detrimento dos direitos de todos.*” (FT.118)

Senhor Dirigente político: duvido que as citações aqui expressas, retiradas da encíclica do Papa Francisco sobre a Fraternidade e a Amizade Social, constem das preocupações das forças políticas que discutem o próximo Governo dos Açores.

A promoção da dignidade humana deveria ser a preocupação dominante de uma «política salutar, capaz de reformar as instituições, coordená-las e dotá-las de bons procedimentos, que permitam superar pressões e inércias viciosas». (FT.177)

Daí ser “*necessária a política melhor, a política colocada ao serviço do verdadeiro bem comum.*” (FT.154)

Todas estas referências ultrapassam os ditames da Ciência Política e os conceitos maquiavélicos que habitualmente acompanham as estratégias das lideranças partidárias.

De qualquer modo aqui fica este contributo, na certeza de que os valores éticos que os açorianos perfilam e que estão plasmados na sua identidade tem uma fundamentação cristã que os políticos não podem ignorar na construção do bem-comum.

Agradeço a sua eventual leitura e desejo que das palavras do Papa tire bom proveito.

*jornalista c.p. 239 A
<http://escretemdia.blogspot.com>